Universidade Federal do Pará

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

Especialização FIMPAM XVII- Gestão Ambiental e Manejo de Paisagem

Professora orientadora: Drª Lívia de Freitas Navegantes Alves

Aluna: Mayara Gonçalves Lima

Análise da paisagem: Mudanças na "beirada" do rio, em área de várzea, da comunidade Santo Antônio, Igarapé-Miri/PA.

Belém-PA/ 2017

Introdução

Na região de Igarapé- Miri, no nordeste paraense, a geografia é marcada pelos "furos" [1] e rios que, desde o período colonial, são usados para escoar matéria prima extraído do ecossistema de várzea. Ao longo da história, o município passou por vários ciclos produtivos, vivenciados pelos ribeirinhos, sendo um dos mais importantes ligados à produção de cana de açúcar, envolvendo engenhos que fabricavam cachaça. Porém, é difícil precisar em que época se inicia este tipo de produção, mas desde o século XVII a atividade já havia tido início, sobre influencia de padres Jesuítas, Carmelitas e Franciscanos que mantinham suas missões no estuário, tornando-se uma fonte de renda importante, mantendo-se até meados de 1980 (REIS, 2008).

Os ciclos produtivos, protagonizados por ribeirinhos na região estudada, estão ligados essencialmente ao extrativismo, nas décadas de 1950 e 1960 (CIALDELLA; NAVEGANTES-ALVES, 2014) a atividade predominante era o corte de seringueiras para a retirada da borracha. A partir de 1960 até o começo da década de 1980, a renda familiar principal advinha do cultivo da cana, após o declínio desta cultura agrícola, os donos dos canaviais deixaram ou venderam as propriedades. Nesta época as comunidades vivenciaram um período marcante, quando não precisavam se a submeter a patrões, e investiram na comercialização de materiais primas, oriundas das palmeiras do açaí (*Euterpe Oleracea, Mart*). Os alimentos oriundos do açaizeiro sempre foram consumidos tradicionalmente pelos ribeirinhos, mas ainda não se constituía como a principal prática agroextrativista para a garantia da renda familiar das comunidades rurais de Igarapé-Miri.

Em meados da década de 1980, os ribeirinhos se voltaram para atividades relacionadas à extração de palmito dos açaizeiros para fins comerciais. Neste período, o palmito se constituiu em uma alternativa de trabalho extrativista que pudesse substituir a cultura da cana. Nesta época a grande preocupação da população local era de encontrar um meio de subsistência imediato, estando o manejo sustentável dos recursos naturais em segundo plano. Os agroextrativistas resolveram trabalhar com a retirada do palmito, porém mesmo sem assistência técnica perceberam que seria inviável ter que derrubar uma palmeira de açaí para se extrair o alimento, poderia comprometer com a prática o autoconsumo do açaí, um dos hábitos alimentares mais simbólicos das famílias

[1] Termo local para designar pequenos rios que atravessam as ilhas.

da região. Mesmo não ganhando força, esse ciclo produtivo provocou a derrubada de várias palmeiras de açaí.

Na década de 1990, houve o investimento maciço no trabalho com açaí, porém, isto não impediu que algumas famílias trabalhassem com outros produtos extrativistas, como: madeira, a pesca e a produção de cacau. O destaque principal no aumento da renda das famílias ribeirinhas, no período descrito e até os dias atuais, é baseada na produção dos açaizais. A organização sindical e a dedicação no manejo dos açaizais contribuíram para aumento significativo dos ganhos socioeconômicos nas comunidades (CIALDELLA & NAVEGANTES-ALVES, 2014).

A década de 1990 também é marcada pelos investimentos comerciais voltados para o manejo do açaí, cuja venda organizada por associações, sindicatos, e ribeirinhos não ligados ao movimento social expandiu o escoamento para feiras e mercados em Belém (REIS, 2008). Nos anos seguintes a comercialização do fruto continuou a aumentar, as vendas passaram a ser realizadas tanto para abastecer o consumo interno do estado como também para a exportação para outros estados e países.

A procura desses novos consumidores visibilizou as potencialidades nutricionais do açaí, apreciado por suas propriedades, e também por carregar o exotismo de ser uma matéria-prima nativa da Amazônia. Assim, redes de supermercado, Academias, Fast Foods, Laboratórios de Cosméticos que comercializam diferentes tipos de produtos naturais de diversos lugares do mundo, se interessaram e se voltaram para o açaí, uma vez que o marketing vem sendo vinculado a hábitos saudáveis e ligado à sustentabilidade ambiental (ARAÚJO, NAVEGANTES-ALVES, 2015).

Por conta da elevada procura pelo fruto, o processo de manejo tem sido realizado o ano todo, de forma mais ou menos intensiva, mas a cada ano se busca aumentar a produção, e muitas famílias ribeirinhas são levadas a retirar várias espécies da vegetação, principalmente árvore antigas e altas, assim como espécies menos rentáveis, para implantar mais árvores de açaí, o que tem causado desequilíbrios nos ecossistemas de várzea (AZEVEDO & KATO, 2007). Este processo vem sendo cognominado de açaização da paisagem, que seria a predominância cada vez maior dos açaizeiros na paisagem (HIRAOKA, 1993).

Pesquisas recentes em comunidades ribeirinhas mostram que o manejo do açaí, prática tradicional dos ribeirinhos, vem transformando os sistemas de produção, que eram eminentemente extrativistas em sistemas agroextrativistas. Tais mudanças estão ligadas ao aumento da demanda e do valor de marcado do açaí, influenciando assim as práticas agrícolas açaizais que provocam diminuição da biodiversidade e o surgimento de pragas (ARAÚJO & NAVEGANTES-ALVES, 2015).

Diante da intensificação do manejo dos açaizais, impõem-se a pesquisa sobre as mudanças globais que vem ocorrendo em paralelo a este processo na região, assim, o trabalho tem como o objetivo analisar a paisagem da comunidade Santo Antônio, nos moldes da cartografia social.

METODOLOGIA

A área de estudo refere-se à comunidade Santo Antônio, situada à margem do rio de mesmo nome, que se localiza a cerca de 15 km da cidade de Igarapé-Miri. Para se chegar à localidade podem-se usar as rodovias PA 151 e PA 407 ou os rios da região. O território faz parte de dois Projetos de Assentamento Agroextrativistas (PAE), um deles, o PAE Mutirão Japuretê, foi regulamentarizado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria), em 2012, o outro pelo ITERPA (INSTITUTO DE TERRAS DO PARÁ), em 2008, o PAE Emanuel.

Imagem (1)- Mapa Localização Rio Santo Antônio

Fonte: Google Earth, 2017.

As propriedades que pertencem aos PAE's possuem legislação própria para conquistarem a documentação dos lotes, além de terem os direitos de usarem serviços como: a construção de escolas, ambulanchas, crédito para reformar ou construir casas.

Porém, poucas políticas atreladas à criação dos assentamentos foram concretizadas, sendo a maior parte das melhorias socioeconômicas percebidas resultantes da comercialização do açaí (CARVALHO; ALVES; COSTA, 2016).

Os métodos usados foram gradientes fotográficos comparativos que ilustraram os ambientes modificados pela ação antrópica, principalmente a margem dos rios. Também houve a confecção de um desenho relacionado à comunidade seguindo os moldes da cartografia social, e outra ferramenta foi à observação direta e entrevistas abertas, realizadas com interlocutores mais antigos da comunidade, onde relataram quais as principais mudanças ocorridas na localidade ao longo dos anos.

Foi realizada uma imersão em campo na Comunidade Santo Antônio, no fim de janeiro e começo de fevereiro de 2017. Nesta ocasião, se procurou compreender a memória viva dos interlocutores. Foram realizadas quatro entrevistas abertas com auxilio de roteiro, junto a moradores antigos da localidade, dois homens e duas mulheres, todos com mais de 35 anos, além das conversas informais ao longo do convívio na comunidade.

As quatro entrevistas abertas na comunidade, tinham o objetivo de compreender quais as trajetórias ambientais, econômicas e políticas foram vivenciadas pelos/as interlocutores/as da localidade, e como atualmente os ribeirinhos lidam com a questão da sustentabilidade nas práticas do manejo do açaí. Porém, a maioria das informações coletadas foi registrada em conversas informais com cerca de 10 pessoas, nos fins de tarde, na casa de seu Baldo, 72 anos, e Dona Santana 66 anos, uma das famílias mais antigas do rio Santo Antônio. Também, houve a captura de fotos, com as quais se registrou como se encontra, atualmente, a margem dos rios em frente às casas ribeirinhas, assim como o registro do açaizal de duas famílias a de Seu Baldo, e Bartolomeu.

Para compreender o campo simbólico contido nas paisagens houve o diálogo com uma criança de 12 anos, o Antônio, que ilustrou, a meu pedido, por meio da elaboração de um desenho, como percebe o rio onde mora. O método empregado é alicerçado na analise de paisagem, seguindo os moldes da Cartografia Social, onde o grupo social é orientado a construir, por meio de desenhos, mapas, entre outras formas de representação, a maneira que se vê em seu território, em conexão com sua identidade sociocultural, para assim dar voz para as categorias sociais. O tempo de imersão em

campo possibilitou registrar o desenho, e nas conversas com Antonio o estimulei a mostrar como 'via' sua comunidade, GORAYEB (2014) colabora para a reflexão sobre a visibilidade das populações tradicionais:

> (...) Nessa perspectiva, os territórios das comunidades tradicionais se caracterizam por serem, mais fortemente, ligados ao campo simbólico, e não simplesmente às relações de poder, propriedade ou controle político da hegemonia econômica circundante. "Ou seja, o sentimento de pertencimento a terra, à história, às lutas, à identidade, às práticas, às vivências, aos rituais, entre outros, se aglutinam formando uma conjuntura legitimadora dos territórios vividos" (pg. 05).

A análise de paisagem está ligada diretamente com a cultura do grupo social estudado, com intuito de perceber de que forma os sujeitos se relacionam com o espaço que ocupam. 'A paisagem e os indivíduos são co-integrados numa relação que se autoproduz e autorreproduz constantemente', envolvendo suas crenças, hábitos, valores, trocas comerciais, entre outros características coletivas (CÔRREIA, 2012).

A modificação paisagística é uma abordagem metodológica que possibilita estudar a trajetória das ações antrópicas, para compreender a paisagem é necessário observações, porém, é fundamental entender o que se passa por 'trás' da paisagem para que o estudo esteja de acordo com que foi encontrado. O depoimento dos ribeirinhos é fundamental para se entender principalmente quais motivações os levaram a modificar a beirada[2] dos rios (BRITO & BRINGEL, 2015).

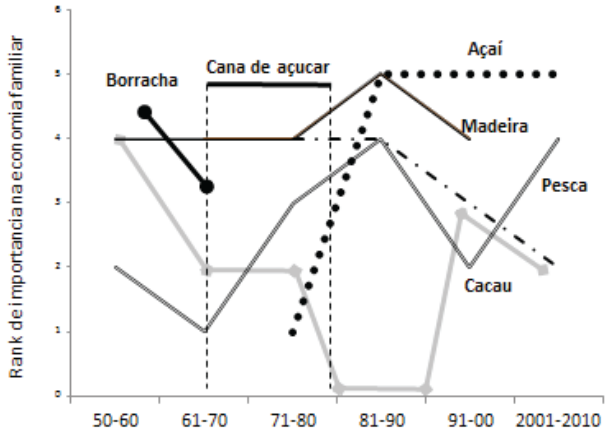
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar os ciclos produtivos em Santo Antônio[3], nota-se que desde a década de 1950 há constantes mudanças nas práticas agroextrativistas dos ribeirinhos. As atividades e produtos que se encontravam há 60 anos na localidade foram se transformando ao longo do tempo, a cada período analisado as comunidades da região estudada foram se adaptando as demandas do mercado, para poder comercializar as suas matérias primas, o gráfico (1) de CIALDELLA & NAVEGANTES-ALVES (2014, p.5)

[2] Termo usado localmente e empregado na pesquisa para facilitar a interlocução e compreensão dos ribeirinhos sobre o tema de estudo – a paisagem, mais especificamente a paisagem da margem do rio.
[3] Os ciclos produtivos estão sendo analisados para melhor compreensão dos períodos que a comunidade passou a cada época havia uma produção principal, mas isso não impedia que houvesse outros trabalhos paralelos sendo realizados concomitantemente.

exemplifica quais foram às atividades extrativistas adotadas, e a mudança nos ciclos econômicos estabelecido nas Ilhas de Igarapé Miri.

Gráfico (2)- Análise das trajetórias dos sistemas de produção ribebirinha.



Fonte: CIALDELLA & NAVEGANTES-ALVES (2014)

As modificações na paisagem ocorreram principalmente pelas constantes interferências econômicas na região, na memória dos interlocutores descrevem o trabalho com o canavial como um dos mais marcantes antes do investimento no extrativismo do açaí, no período da cana de açúcar a predominância na paisagem era da cultura agrícola, nos últimos 25 anos o investimento no manejo do açaí provocou outras modificações no ecossistema estudado, nota-se que a mudança no uso dos recursos naturais está relacionada diretamente com aumento das vendas das sementes para vários lugares do Brasil e do mundo.

Mesmo com as demandas do mercado influenciando as mudanças na paisagem de Santo Antônio, as práticas de manejo dos recursos naturais continuam conectadas com os saberes tradicionais dos ribeirinhos, herdados durante várias gerações. A relação que constroem com a natureza mesmo sendo modificados por conta da necessidade de geração de renda familiar, não ‘apagou’ os conhecimentos tradicionais ribeirinhos. Constantemente nos discursos foi percebida a preocupação em adotar técnicas produtivas sustentáveis. Nos últimos anos várias famílias ribeirinhas estão se preocupando com a diversificação das espécies, em uma entrevista, em parte transcrita abaixo, exemplifica-se uma das estratégias feitas para combater a secagem das sementes no final da década de 1990, período que a produção estava voltada quase que exclusivamente para a extração do açaí:

"a partir de 1998, quando estávamos trabalhando com o 'açaí solteiro', o açaí começou a secar na árvore, porque, a árvore estava no monocultivo, a gente achou que precisava fazer alguma coisa pra que não perdesse o açaí, aí gente começou a plantar a reflorestar.

Mas isso foi uma iniciativa de vocês?

“Foi sim uma iniciativa nossa. Agente fez, inventou e deu certo, agente tentou imitar a floresta”.

O uso dos recursos naturais adotados pelos extrativistas está ligado aos seus conhecimentos tradicionais, o que ocorre na beirada do rio e no quintal das casas está ligado ao processo de homogeneização da paisagem com grande quantidade de palmeiras de açaí. Estrategicamente esses açaizais foram projetados pelos extrativistas próximos de suas residências para facilitar o manejo e o transporte do fruto, diferentemente de outras atividades, realizadas na mata, como extração de madeira, que são realizadas em capoeiras distantes da comunidade. Porém, atualmente, a extração madeireira não abrange finalidades comerciais, como ocorria em meados da década de 90, sendo agora voltada principalmente para construção e reforma dos próprios lotes.

Mesmo com a homogeneização da paisagem a prática não impediu que os ribeirinhos investissem em espaços de conservação dos recursos naturais. Encontrou-se uma capoeira em regeneração com mais de 30 anos, localizadas no rio Meruú-Açu próximo a rio Santo Antonio, onde as terras foram abandonas depois do declínio da produção de cana de açúcar e desde então ainda não foi mexida para a produção do açaí. Isso mostra que a lógica de uso dos recursos naturais pela população local é de manter a floresta de várzea em pé.

Esta parte do ecossistema próximo da comunidade está se recuperando, diferindo da hipótese inicialmente levantada neste trabalho de que os espaços estavam todos sendo tomados pelo açaí. Percebe-se poucas casas ao longo da margem do rio Merrú-Açu, a predominância da paisagem é de mata em recuperação.

Imagem (3)- Floresta secundária em recuperação no Rio Meruú-Açu, Igarapé-Miri (PA).

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O conhecimento tradicional ribeirinho de usar os recursos naturais de forma sustentável contribui para que as famílias continuem a cultivar certas espécies de árvores frutíferas e plantas medicinais, e conservar diversos animais silvestres, que podem ou não ser caçados, como: macacos, mucura, camaleão, ‘perema’, porco espinho, entre outros, mostrando que apesar da modificação da paisagem o equilíbrio da fauna e flora continua sendo uma preocupação dos extrativistas. As práticas de manejo das comunidades ribeirinhas auxiliam na manutenção dos solos, água, fauna e flora, conservando as principais características do ecossistema de várzea, de onde retiram a principal fonte dos recursos socioeconômicos e culturais (FELIZARDO; SANTOS; NASCIMENTO; REIS, 2013)

Imagem (04)- Macacos Silvestres ao lado das casas no Rio Santo, Igarapé-Miri (PA).

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Segundo relato dos ribeirinhos, os frutos, as sementes e raízes manejadas perto das casas são usados pelas próprias famílias para alimentação e usado tradicionalmente em cura de enfermidades. Próximo às residências foram observadas árvores de cacau, manga, buriti, jambo, andirobeira, taperebá, ingá, entre outros. Poucos grupos domésticos comercializam essas especiarias, em apenas uma unidade familiar foi mencionada a comercialização de sementes de andiroba.

Entre algumas famílias se percebeu a preocupação em conservar espécies de plantas e árvores para garantir a manutenção da biodiversidade. Esta consciência ambiental é posta em prática principalmente pelos mais antigos, com intuito de conservar a flora para ser vista pelas próximas gerações. Seu Baldo, por exemplo, nos afirmou que mantém uma árvore de seringueira há mais de 17 anos em seu quintal com o propósito de mostrar para seus netos e descendentes de onde se retirava o látex que, na década de 1950, foi uma importante matéria-prima para a região. Percebe-se nos costumes tradicionais a importância de transmitir a história local, assim como a conservação da mata.

Imagem (5)- Árvore de Seringa no quintal de seu Baldo, no rio Santo Antônio, Igarapé-Miri (PA).

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A reflexão sobre a conservação da biodiversidade na comunidade pode ser relacionada comas normas da Legislação Ambiental brasileira que foi elaborada na Constituição Federal de 1988, mais especificamente no *caput* art. 225, que dispõe sobre o direito de todos ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, e seu uso adequado, que é fundamental para a qualidade de vida, responsabilizando o estado e a sociedade para garantir que as futuras gerações possam dispor de bens ambientais.

Há um exemplo dessa preocupação com a conservação da diversidade dos ecossistemas são as práticas desempenhadas na propriedade de seu Bartolomeu, 53 anos, segundo seu relato, quando o açaí começou a secar antes mesmo de amadurecer, devido à intensificação da espécie nos lotes no final da década de 1990, o agroextrativista começou a investir na diversificação da sua propriedade para fortalecer o solo, e também para não depender apenas economicamente do açaí, nesse período houve o apoio de ONGs, instituições de pesquisa, financiamentos de bancos, e de assistência técnica que cederam para algumas famílias o acesso à mudas de cacau, abacaxi, limão, manga, coco, criação de animais entre outros.

O exemplo de seu Bartolomeu, que investiu no cultivo de espécies frutíferas e florestais consorciadas com o açaizal é uma alternativa para os lotes produtivos, essa prática já utilizada pelas famílias requer atualmente investimentos em mudas, mão de obra, assistência técnica, entre outros fatores.

No entanto, mesmo com as dificuldades, muitos ribeirinhos estão refletindo para a importância de viabilizar estratégias em busca do desenvolvimento sustentável. É nesta perspectiva que se enquadra a estratégia de ter outras possibilidades de produção para que a renda, principalmente na entressafra, não dependa unicamente da extração do açaí. Neste sentido, Felizardo; Santos; Nascimento; Reis (2013, pg. 3) indicam que a diversificação em ecossistemas de várzea ‘contribui para os policultivos que possuem a capacidade de produzir, no seu conjunto, mais do que as áreas de monocultivo de tamanho equivalente'.

Imagem (6)- Estabelecimento diversificado, de propriedade de Sr. Bartolomeu.

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O investimento em termos de atividade ainda é maior para o açaí, por ser muito valorizado e demandado, fazendo com que a venda garanta um bom lucro para as famílias. O trabalho com as sementes envolve toda a unidade familiar, porém, quem geralmente vai ao mato coletar a matéria prima são os homens e os jovens que trabalham exaustivamente principalmente no período da safra que inicia por volta de junho até dezembro, nesse período algumas famílias precisam contratar mão de obra externa para conseguirem dar conta da extração. As vendas e escoamentos se dão pela cooperativa que a comunidade faz parte, por atravessadores, ou em alguns casos as próprias industriais que beneficiam o fruto buscam no porto próximo à comunidade.

Na entressafra a renda decresce devido à diminuição da produção do açaí, alguns trabalhadores criam outras estratégias para a manutenção das famílias, os agroextrativistas se mostram polivalentes na diversidade de práticas que desempenham como: a realização de 'bicos' na cidade, a contribuição de auxílios governamentais; bolsa família, aposentadoria, a venda de mão obra para lotes de outras famílias, em obras feitas nas comunidades, a pesca outra atividade complementar que fortalece o consumo de proteína da população, e em alguns casos são usados à extração é comercializada pelas famílias, entre alternativas de serviços.

A participação feminina ainda é pouco valorizada na produção do açaí, uma das funções que as mulheres mais desempenham é a limpeza e a debulha das sementes, antes de serem comercializadas, porém, quem geralmente vende e negocia são os maridos. Nos últimos anos está se formando na comunidade um grupo de mulheres para

discutir o papel feminino no cenário atual, e a criação de estratégias para a autonomia financeira, por meio da venda de produtos a base de açaí, de outros tipos de matérias primas como a andiroba, artesanatos, fabricação de alimentos, entre outras ações para o aumento da renda.

O trabalho com a extração do açaí ainda é a principal fonte econômica para a comunidade, devido o aumento financeiro se percebe a mudança na estrutura física das residências, apesar de a maioria das casas é usado à arquitetura tradicional de palafitas. Encontram-se, atualmente, algumas casas construídas em alvenaria, e as casas de madeira possuem uma boa estrutura.

Imagem (7)- Casa ribeirinha, na comunidade do Rio Sato Antônio, em Igarapé-Miri, Pará.

Fonte: acervo Lívia Navegantes Alves, 2014.

Além disso, melhorou muito o acesso a bens e serviços, como a pequenas embarcações (as rabetas) e eletrodomésticos. Estes benefícios são fruto do aumento na renda das famílias, nos últimos anos. Quase todas as unidades familiares têm os chamados trapiches ou pontes[4], localizados na frente das casas. Segundo os relatos, há cerca de 10 anos não havia construções em alvenaria. Atualmente, o sonho de consumo é construir as pontes de concreto para terem maior durabilidade, investimento que foi possível, para alguns, graças à comercialização do açaí.

Imagem (8)- Trapiche de alvenaria no rio Santo Antônio, Igarapé-Miri (PA).

[4] Local onde se desembarca para entrar nas casas e nos lotes

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

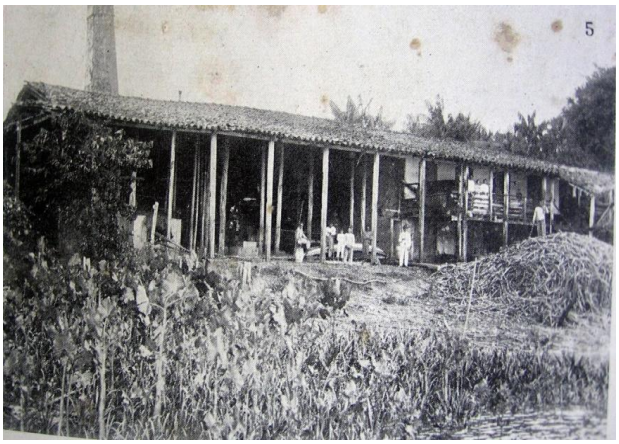
Outro serviço importante foi à chegada da energia elétrica, a cerca de 10 anos, garantindo que vários eletroeletrônicos e eletrodomésticos sejam utilizados pela comunidade. O transporte é feito em barcos ou pequenas embarcações chamados de ‘rabetas’ que possibilita o deslocamento dos ribeirinhos pelas comunidades próximas, em alguns relatos dos mais velhos afirmaram que o barulho do motor contribui para o afastamento de peixes e camarões da região. A pesca como citado é uma Importante fonte de proteína animal para a região, porém, nos últimos anos se verificou a redução.

Os lotes dos ribeirinhos são marcados pela homogeneização das palmeiras, inclusive no desenho feito por Antônio que será mostrado a seguir é ilustrada a beirada do rio com a presença maciça dos açaizeiros, identificou-se principalmente na parte de atrás das casas em anos anteriores estava o canavial. A captura das imagens surgiu da necessidade de registrar temporalmente como se encontra a paisagem na comunidade, antes de ir a campo as hipóteses levantadas estavam relacionados com a mata Original, mata em recuperação, mata homogeneizada (AZEVEDO, KATO, 2017). Porém, no período realizado a pesquisa estava chovendo muito e poucas pessoas estavam trabalhando no açaizal ou em outras matas, assim como a atenção de trabalho não estava tão voltada para o lote por ser entressafra da semente.

No depoimento de seu Baldo se destaca que a mata original já havia se modificado com a produção canavieira, onde ele começou a trabalhar com 12 anos, em sua memória lembra que na parte da frente das casas tinha os açaizais que eram tirados apenas para autoconsumo, ou venda esporádica de palmito para comprar farinha de mandioca. Já no interior dos terrenos havia o canavial, como disse em seu relato: ‘mato

não tinha nada, só cana'[5]. Algumas famílias cultivavam, mas sem o objetivo financeiro, o arroz, milho, batata doce, abacaxi macaxeira, banana, mandioca, mas a renda advinha da cana.

Imagem (9)- Antigo Engenho de Cana de Açúcar na Região de Igarapé Miri.



Fonte: Google Imagens, 2017.

Em 1993, seu Baldo diz que se encontrava capoeira fechada distante das casas, mas que no período já tinha se iniciado o manejo do açaí para a comercialização, onde estavam preparando o terreno para começar a roçar. Técnicos no período davam assessoria para as famílias indicaram que usassem mudas cedidas pelas instituições, mas os ribeirinhos não concordaram e faziam suas próprias com as palmeiras nativas.

Seu Baldo trabalha com o açaí desde o declínio da cana, ou seja, já são mais de 20 anos se dedicando ao manejo do açaí seu lote apesar de ter outras espécies de frutíferas e florestais, quando caminhamos em seu quintal percebemos a açaização da paisagem, como está ilustrado na imagem (06) abaixo, atualmente o extrativista vem deixando espécies de arvores principalmente para sombrear o açaí, ainda não pode se dedicar a manejar outros cultivos por falta de recursos financeiros e humanos, ao compararmos a transição dele e de seu Bartolomeu percebemos maior diversidade neste ultimo, pelo maior tempo investido na produção consorciada se tornando um exemplo para os outros ribeirinhos.

[5] Houve a indagação para a comunidade se alguma instituição ou algum morador tinha alguma foto do período, mas, infelizmente, eles não possuem registros da época, pois, no período quase não existia maquinas fotográficas na região.

(10)- Imagem da “açaização” da paisagem através da intensificação da produção de açaí em Santo Antônio, Igarapé Miri (PA).

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

Atualmente, segundo os extrativistas, a região é certificada como a maior produção orgânica de açaí do mundo, um dos motivos da grande procura pelo açaí da localidade. As conquistas realizadas pelos trabalhadores são marcadas desde o inicio da década de 1990 pela luta sindical dos agricultores, e a organização em associações e cooperativas conquistando resultados positivos importantes no cenário político e econômico para as ilhas extrativistas de Igarapé Miri.

Imagem (11)- Beirada do Rio Santo Antônio, Igarapé-Miri, Pará.

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

A ideia inicial era de fazer um croqui onde os ribeirinhos descrevessem os principais pontos da beirada do rio, a segunda ideia era de perguntar para uma pessoa que gostasse de desenhar se poderia ilustrar como ‘enxerga’ a vista da comunidade, e o Antônio de 12 anos indicado pelo seu avô Baldo que disse ser um exímio desenhista, e depois da dica fui ao seu encontro, expliquei que se tratava de uma pesquisa e ia usa-la como material para compreender a paisagem do rio.

Para estimula-lo pedi para que fizesse um desenho direcionado a pessoas que nunca foram até a localidade, que quando vissem provocasse a sensação de já ter ido ou de estarem lá, passados três dias eis que o jovem me procura para mostrar, fico impressionada com a riqueza de detalhes, e o seu traço terceiro em retratar o dia-dia do rio, e os aspectos socioculturais que a paisagem traz em sua simbologia.

Imagem (12)- Desenho de Antônio sobre sua comunidade, no rio Santo Antônio, Igarapé-Miri, Pará.

Fonte: Trabalho de campo, 2017.

O desenho retrata vários detalhes do cotidiano do Rio Santo Antonio, as casas próximas mostrando a sua família e seus parentes, os pequenos barcos (chamados de rabudos ou rabetas) um transportando açaí (1) e outro (2) areia e pá ilustram o principal trabalho da comunidade, e o aumento socioeconômico por conta das obras feitas ultimamente na localidade. Na beirada do rio há também o problema de terras caídas (3) identificando um problema ambiental visualizado pela criança, assim como a

predominância próxima as casas de açaí (4), na frente de umas das residências tem um motor onde se acopla nos rabudos (5) identificando que muitas famílias possuem mais de um, em um dos açaizeiros existe uma pessoa do sexo masculino subindo para pegar o cacho do fruto (6) uma atividade comum ao se viver no local.

A mata original os moradores disseram que ainda resta, mas era complicado me levar por não esta acostumada e estava muito molhada pelas chuvas. As fotografias mostram da beirada do rio se nota maior homogeneização da paisagem em volta das casas e quintais, ligada à ideia de que os ambientes mudam de acordo com a apropriação das pessoas, principalmente se estiver conectado com a questão socioeconômica e cultural. Porém, encontramos capoeira com mais de 30 anos segundo relatos no rio Meruú-Açu próximo a rio Santo Antonio, onde as terras foram abandonas depois da queda da cana de açúcar, isso mostra a população deixou essa parte do ecossistema se recuperando, diferente da hipótese levantada que todos os espaços estavam tomados pelo açaí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos 60 anos a comunidade Santo Antônio passou por três ciclos produtivos principais que imprimiram mudanças na paisagem, sendo eles: a extração da borracha, o cultivo de cana e a produção de açaí. Ao longo desses períodos as famílias ribeirinhas vêm criando alternativas que contribuam para a soberania alimentar e para complementação da renda, o que tem levado a uma diversificação produtiva, envolvendo várias espécies nativas.

As demandas do mercado são um dos principais fatores que influenciam o uso dos recursos naturais, e o aumento da renda contribuiu para modificações artificiais no espaço ribeirinho.

A paisagem atual do Rio Santo Antônio está ligada diretamente com a ascensão econômica do açaí, a intensificação da produção, iniciada há um pouco mais de 30 anos, questiona tanto a sociedade local como a comunidade científica quanto ao uso sustentável dos recursos naturais. Devido às demandas do mercado nacional e internacional ser crescentes, os ribeirinhos se organizam para conquistar cada vez mais espaços de vendas, porém, sabem que a intensificação do açaí tem suas consequências

para a manutenção do ecossistema de várzea, por isso, percebem a importância da adoção de práticas de manejo sustentáveis.

Desta maneira, os ribeirinhos do rio Santo Antônio sabem que para manter os açaizais em pé é preciso associa-lo a uma diversidade das espécies nativas, e durante os últimos 20 anos vem sendo uma das principais preocupações das famílias a recuperação das espécies florestais das áreas manejadas. Ainda é preciso avançar em busca da manutenção do equilíbrio nos ecossistemas de várzea, mas, diante dos conhecimentos tradicionais repassados entre as gerações, essas mudanças já estão em curso.

As fotos e o desenho ilustrativos da paisagem de Santo Antônio demonstram a transição que as práticas de manejo estão passando. A mudança na paisagem, nesse caso, se mostra ligada diretamente a ação antrópica, que pode tanto destruir como conservar os recursos naturais em um curto espaço de tempo.

REFERÊNCIAS:

BLOG DEMIR HELENO ROCHA. Disponível: http://ademirhelenorocha.blogspot.com.br/2014/05/historia-memoria-e-cultura-em-fotos.html em Acessado em 06/08/2017.

ARAÚJO, C. T. D. ; NAVEGANTES-ALVES, L. F. . Do extrativismo ao cultivo intensivo do açaizeiro (Euterpe oleracea Mart.) no estuário amazônico: sistemas de manejo e suas implicações sobre a diversidade de espécies arbóreas. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 10, p. 12-23-23, 2015.

ARRUDA, Carmen Silvia Lima de. Princípio do Direito Ambiental. Programa de Pós-Graduação Justiça Administrativa da Universidade Federal Fluminense (PPGJA-UFF). Revista CEJ, Brasília, Ano XVIII, n. 62, p. 96-107, jan./abr. 2014.

AZEVEDO, J. R.; KATO, O. R. Sistema de Manejo de Açaizais Nativos Praticado por Ribeirinhos das Ilhas de Paquetá e Ilha Grande, Belém, Pará. In: VII Congresso Brasileiro de Sistemas de Produção, 2007, Fortaleza. ANAIS CD ROM - Agricultura Familiar, Políticas Públicas e Inclusão Social. FORTALEZA: EMBRAPA, 2007. v. 1.

BRITO, Arthur Eric Monteiro Costa; BRINGEL, Fabiano de Oliveira . Paisagem e relação campo-cidade em assentamentos de reforma agrária na Amazônia: o caso de Palmares II, Parauapebas/PA. In: Cátia Oliveira Macedo; Fabiano de Oliveira Bringel; Rafael Benevides Sousa; Rosiete Marcos Sanatana. (Org.). Os. 1ed .Belém: Açaí, 2015, v. 1, p. 217-233.

CIALDELLA, N. NAVEGANTES-ALVES**, L.** O ouro negro ' açaí ' irá beneficiar a agricultura familiar na Amazônia Oriental? Reflexões sobre as mudanças recentes nas práticas de produção de açaí. In: X Congresso da Sociedade Brasileira de Sistemas e

Produção, 2014, Foz do Iguaçu. Anais do X Congresso da Sociedade Brasileira de Sistemas e Produção 2014.

CIALDELLA, N.; NAVEGANTES-ALVES, L. . La ruée vers l« açaí » (euterpe oleracea mart.): trajectoires d un fruit emblématique d amazonie. Revue Tiers Monde, v. 220, p. 121-138, 2014.

CORRÊA, R. L.; Z. ROSENDAHL. Geografia Cultural: Uma Antologia. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2012.

FELIZARDO, A. O. ; SANTOS, A. R. da S. ; NASCIMENTO, W. L. N.; REIS, A. A. dos. Diversificação dos açaizais nativos como estratégias de agroecossistemas sustentáveis em área de várzea no município de Abaetetuba - Baixo Tocantins no Pará. Cadernos de Agroecologia, v. 8, p. 1-5, 2013.

GORAYEB, Adryane. Cartografia Social e Populações Vulneráveis. In: Cartilha Rede de Mobilizadores - Oficina do Eixo Erradicação da Miséria, 2014. Disponível em http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Cartilha-Cartografia-Social.pdf. Acesso em 01 de julho de 2017.

HIRAOKA, Mário. Mudanças nos Padrões econômicos de uma população ribeirinha do estuário do Amazonas. In: FURTADO, Lourdes Gonçalves (org.); LEITÃO, Wilma Marques; MELLO, Alex Fiúza de. Povos das águas: realidades e perspectivas na Amazônia. MPEG: Belém, 1993.

REIS, ADEBARO ALVES DOS. Estratégias de Desenvolvimento Local Sustentável da pequena produção familiar na várzea do Município de Igarapé-Miri (PA). II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte 2010 -, Belém (PA), 2008.